

TECENDO METODOLOGIAS A PARTIR DA FILOSOFIA

Caroline Hoara dos Santos Cavalcante (1); Jonathan Machado Domingues (2)

Caroline Hoara dos Santos Cavalcante (1); Jonathan Machado Domingues (2)

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro, carolinehoara@hotmail.com (1); Universidade do Estado do Rio de Janeiro, jonathandomingues18@gmail.com (2))
Bolsista UERJ (2)

Resumo: O presente texto irá abordar as questões apresentadas no título deste artigo, tendo como objetivo principal disponibilizar aos profissionais da área educacional, instrumentos para serem utilizados no ensinamento aos discentes e consigo no planejar de uma aula como a forma adequada para ministrar determinada temática (assunto). Mostrando-o que todos os estudantes são iguais. Assim, não irá proporcionar nenhum fator de inferiorização. Para estruturação deste material foram usados livros e periódicos referente a temática. Desse modo, pode-se citar como uns dos resultados quando chega à época dos docentes tratarem a temática dos negros (como exemplo, a época da escravidão), acaba havendo uma imposição no que tange e se resume desde colonização a figura (identidade) do negro. De resto, pode-se citar como outro resultado a formação dos professores (século XXI). No qual, dentro das próprias universidades acaba havendo poucas disciplinas ou quase nenhuma para auxiliar o profissional na área curricular, na didática e até na avaliação. O que permite concluir que, escola, uma instituição social, fundamental para construção simbólica de uma criança. Destarte, que possa haver mais investimento na formação continuada dos professores. Assim, existirão ferramentas para construções de projetos como exemplo relacionado aos assuntos transversais. Não tratar simplesmente com olhar eurocêntricos certos assuntos. Porém, ir além das fronteiras europeia. Ademais, para esta comunicação será abordado juntamente metodologia de ensina que liga ao currículo, avaliação e a didática, porém, acaba fazendo um ligamento com temas relacionados à filosofia.

Palavras-chave: Educação, Currículo, Identidade, Devir-Criança, Educare/Educere.

INTRODUÇÃO

Afinal, quais são as principais caracterizações do currículo e do cotidiano? O currículo pode ter como caracterização alguns conceitos. Os quais seriam: a assimilação, estratégias de controle/poder, enquadramento, estrutura, planejamento e conteúdo.

De acordo com Lopes; Macedo (2011, p. 43): “A teoria do currículo se dedicava à proposição dos melhores modelos ou métodos de planejamento curricular. O estudo do currículo era o estudo das formas de planejá-lo.”

O cotidiano é um campo de estudo que olha para a realidade da escola. No qual pode ser traduzida como a própria estrutura da escola, como exemplo. O cotidiano acaba se referindo sempre a si mesmo. Possui como características a realidade do aluno, uso de “linguagem popular”, libertação, significação do outro e escola distante da realidade. Segundo Lopes e Macedo (2011, p.162):

Assim, para os estudos nos/dos/com os cotidianos, o currículo é aquilo que é praticado pelos sujeitos nos espaços tempos em que se esteja pensando a formação. Essa prática engloba, no entanto, todos os múltiplos contextos em que os sujeitos são constituídos como redes de subjetividades. Portanto, os currículos formais, os conhecimentos científicos, as práticas hegemônicas estão na escola como também as crenças e os saberes que os sujeitos trazem, em si próprios, de outros lugares. (Id)

Ao analisar o currículo, é atingível a percepção do modelo que acaba possuindo, existindo. É um formato linear, sendo possível descrever que existe um ponto de partida, como deve ser seguido e praticado, uma óptica singular e linear.

Com o cotidiano ao dialogar com o currículo, o cenário acaba sofrendo alteração. Por conseguinte, as redes e o currículo acabam fazendo um diálogo, desfazendo esta estruturação e uma metodologia conhecida com *educare*, que será abordada e explicada no prosseguir do trabalho. Com as redes, não será preciso de um ponto de partida. O ensino acabara possuindo a metodologia do *educere*.

Apesar disso, neste estudo bibliográfico, tem como objetivo trazer a discussão da identidade dos estudantes (estudantes, que são múltiplas e complexas), onde haverá a elaboração de uma ponte (rede) com estudo dos currículos/didática. Fazendo-se assim, um diálogo entre identidade e currículo/metodologia.

Afinal, qual a definição de identidade? Não se pode trazer uma definição única para esta palavra. Pois em cada área de conhecimento será possível encontrar uma definição. Apesar disso, acabarei definindo identidade a partir de Castells (1999, p. 23)

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço. (Id)

Como procedimentos metodológicos foram utilizados livros e periódicos dos determinados teóricos: Bourdieu (1989), Castells (1999), Deleuze (1997), Domingues (2017), Hall (1999), Libâneo (1994), Lopes e Macedo (2011), Moreira e Câmara (2013), Moreira e Candau (2017), Qvortrup (1990, 2010^a, 2011), Ramos (2017), Stoer e Cortesão (1999).

A partir da análise do material de Libâneo (1994), pode-se concluir que tudo acaba partindo da formação do professor.

No decorrer do trabalho no qual será abordado a respeito da imagem do negro, por exemplo, podemos tirar como conclusão que o docente, exercendo a imagem do intelectual, ao mesmo tempo do portador do conhecimento, deve possuir uma dominância acerca do assunto para haver desconstruções de determinados preceitos constituídos pelo senso-comum.

Porém, grande parte dos educadores acaba dando importância à avaliação do que no desenvolvimento do saber de cada estudante. Segundo Barriga (2008, p.43): “O exame se converteu num instrumento no qual se deposita a esperança de melhorar a educação.”

Ademais, que a educação quanto o currículo, juntamente a didática, possa se adaptar a infância, ao jovem e aos adultos. Sendo assim, permitindo que os estudantes criem, inventem o meio em que se encontram. Fazendo assim, o cumprimento da função básica da educação (que é socializar e integrar o indivíduo na sociedade).

Identidade

Conceituar identidade é mais complexo que possamos imaginar. Acaba havendo várias maneiras para definir (não existindo uma área de estudo que permita a definição num contexto geral. Porém, várias perspectivas de diferentes conhecimentos.).

Cada época possui suas características que se caracteriza. No que se refere à comunidade atual, acaba possuindo como uma temática bastante discutida (identidade), através do que chamamos de teoria social.

”Na teoria social, parece ser consensual a pertinência de refletir sobre quem somos nós, de examinar como nos temos transformados, bem como de nos situarmos em relação aos grupos dos quais desejamos nos aproximar, para nos sentirmos pertencendo, percebemos apoadores e realizados afetivamente.” (MOREIRA e CÂMARA, 2013, p.38)

De acordo com Hall (1999, p.7): “As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.”

No que tange a infância, sabemos a importância para estruturação da identidade dela. Tendo como justificativa o meio no qual se encontra (instituições sociais), irá capturar elementos que serão utilizados durante o percurso vital desse sujeito.

As instituições sociais acabam possuindo importância a cerca da construção do simbólico. Dessa estruturação dos signos, podemos citar as identidades culturais. No qual, através de Hall

(1999, p.8): "Se refere a aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais."

Deixando em registro, para o teórico Jens Qvortrup (1990, 2010^a, 2011), acabará admitindo que a infância seja um fenômeno social, para a compreensão desse grupo de indivíduos é necessário a análise do todo e não simplesmente de um sujeito.

Destarte, sabe-se que a identidade não pode afirmar como modelo de constância. Que acaba havendo porcentagens para suas famosas crises ou adaptação do indivíduo no meio que se encontra. Segundo Hall (1999, p.7):

"É vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social." (Id)

Contudo, no que se refere à identidade na área da educação acaba sendo obrigatório, e se possível, a dominância da temática dos profissionais educacionais. Pois "qualquer teoria pedagógica, precisa examinar de que modo espera alterar a identidade do/a estudante. O fim do ensino estimule o/a aluno/a aprenda a atribuir significados e a agir socialmente, de modo autônomo." (Moreira e Câmara, 2013, p.39)

Encontra-se na escola (tendo como referência a própria vivência do autor como aluno na fase do ensino fundamental e até o ensino médio), quando chega na hora dos docentes abordarem a respeito dos negros africanos no Brasil Colonial (como exemplo), acaba havendo uma associação imediata dos docentes à escravidão. Mais os negros africanos em terras brasileiras possuem uma história antes de ser tornar escravos, ou seja, muitos não nasceram escravos, mais sim, se tornaram.

De acordo com Ramos (2017, p.20, grifo do autor): "Observem que os imigrantes europeus geralmente sabem descrever com detalhes suas histórias e erguem museus para preservar a memória de seu povo. Onde estão à valorização e a preservação da nossa (negro)?"

Continuando com Ramos (2017, p.20): "Zebrinha me disse que às vezes nossos mais velhos tinham vergonha de seu passado, por causa de seu sofrimento. É por isso que nossa história fica com essas brechas."

Igualmente, dentro da sala de aula acaba sendo possível o encontro com variedade de identidades e diferenças. Assim, Moreira e Câmara acabam citando alguns "princípios que podem ser úteis para o planejamento e o desenvolvimento." (2013, p.46), dentro da sala de aula. Elas são: "Procurar aumentar a consciência das situações de opressão que se expressam em diferentes espaços sociais." (p.47); "Propiciar ao/a estudante a aquisição de informações referentes a distintos tipos de discriminações e preconceitos" (p.48); "Estimular o desenvolvimento de uma imagem

positiva dos grupos subalternizados” (p.48); “Favorecer a compreensão do significado e da construção de conceitos que têm sido empregados para dividir e discriminar indivíduos e grupos, em diferentes momentos históricos e em diferentes sociedades” (p.49); “Facilitar ao/à estudante a compreensão e a crítica dos aspectos das identidades sociais estimulados pelos diferentes meios de comunicação” (p.51); “Propiciar ao aluno a possibilidade de novos posicionamentos e novas atitudes que venham a caracterizar propostas de ação e intervenção” (p.52) e “Articular as diferenças” (p.53).

Portanto, através das identidades, que é fundamental e de extrema importância a dominância desta temática na área da educação. Pois no âmbito escolar acaba sendo uma rede composta de diferentes culturas (multiculturalismo) e identidade.

Dado que o profissional tendo este “campo” como dominância, acaba havendo uma ampliação do campo educacional e ao mesmo tempo uma desconstrução de determinados assuntos que possuem determinadas brechas no meio educacional e curricular.

Currículo: meio de empoderamento da identidade do sujeito

Um dos fatores a serem estruturado no desenvolvimento pela sua importância é trazer o lado social, cultural (principalmente, como exemplo), para dentro do ambiente curricular. Pois, de acordo com Domingues (2017), a educação (juntamente com o currículo), deve ser adaptar a infância (é possível ir além da adaptação deste grupo. Tanto a educação, quanto o currículo deve se adaptar ao sujeito).

Visto que, quando o sujeito acaba se identificando no planejamento curricular, o formato de aprendizagem acaba possuindo um resultado positivo, refletindo diretamente no formato avaliativo.

Um aspecto a ser trabalhado, que consideramos de especial relevância, diz respeito a se procurar, na escola, promover ocasiões que favoreçam a tomada de consciência da construção da identidade cultural de cada um de nós, docentes e gestores, relacionando-a aos processos socioculturais do contexto em que vivemos e à história de nosso país. O que temos constatado é a pouca consciência que, em geral, temos desses processos e do cruzamento de culturas neles presente. (MOREIRA e CANDAU, 2017, p.26)

Trazendo a pluralidade das culturas existentes dentro das salas de aulas, saindo do padrão hegemônico, no qual acaba tendo como ferramentas o modelo eurocêntrico, trazendo novamente no capítulo anterior a citação de Ramos (2017), que se refere ao formato de expressão da história do negro. No qual, acaba havendo brechas na história, pelo fator que os antepassados possuíam vergonha do passado.

Levando para docência, muitas das vezes acaba existindo, a exploração do conteúdo numa visão eurocêntrica, não havendo a exploração dos assuntos em outras ópticas, trazendo consigo novas fisionomias.

Além do mais (trazendo novamente como exemplo, o negro): muitos não nasceram escravos, mais sim, se tornaram escravos. Porque os educadores não evidenciam os outros lados “da moeda”?

Junto ao reconhecimento da própria identidade cultural, outro elemento a ser ressaltado relaciona-se às representações que construímos dos outros, daqueles que consideramos diferentes. As relações entre nós e os outros estão carregadas de dramaticidade e ambigüidade. Em sociedades nas quais a consciência das diferenças se faz cada vez mais forte, reveste-se de especial importância aprofundarmos questões como: quem incluímos na categoria nós? Quem são os outros? Quais as implicações dessas questões para o currículo? Como nossas representações dos outros se refletem nos currículos?(MOREIRA e CANDAU, 2017, p.27)

Afinal, o que é educação? É a maneira como os grupos sociais se organizam para educar. Onde é preciso considerar as maneiras com apresenta nos diferentes sistemas educativos. De resto, a educação é o que realmente se vê e não o que se idealiza dela. Na perspectiva de Durkheim (2011), educação possui um papel regulador, no qual, a escola é o tipo regulador de nome sociedade. Apesar disso, a educação não pode ir contra as instituições sociais e por isso é conservadora. Além do mais, a função básica da educação é socializar, integrar os indivíduos à sociedade.

Por fim, o currículo deve possuir um ambiente (campo) que gere interrogações a serem trabalhadas, discutidas. Porém, qual ferramenta a serem utilizadas para trazer o florescimento deste pensamento?

Primeiramente, é ter a ciência que não existe uma perspectiva de compreensão de determinado assunto, porém, ter a compreensão de óptica plural, heterogênea. Pode-se acrescentar com “Um dos caminhos é abrir as portas, na escola, a diferentes manifestações da cultura popular, além das que compõem a chamada cultura erudita.” (MOREIRA e CANDAU, 2017, p.27)

Ademais, para haver o sucesso no campo crítico curricular, o docente será (é) a peça principal do “quebra-cabeça”. Pois é necessário que traga perguntas a serem discutidas na classe. Como padrões impostos pelo senso-comum e principalmente questões culturais e sociais, trazendo umas desconstruções de determinados pensamentos, que acompanha o sujeito desde constituições do simbólico.

Portanto, é o currículo deve ser sim plural, que dialogue com todos os estudantes e represente-o. Que possa sair de uma metodologia *educare* e passar para o *educere*. Que existam várias maneiras de chegar ao resultado de um problema. Que o gabarito não seja único.

Devir-Criança e Educação

A infância, a partir do século XX irá possuir um papel de atuação no que se refere à sociedade. Contudo, este reconhecimento, essa conquista, inicia das intervenções tanto da população civil quanto do âmbito da política.

De resto, este dois grupos citados (político e população), acabam compreendendo a infância como um projeto, tornando-se possível a afirmação de um investimento que no futuro irá haver retorno. Destarte, ao mesmo tempo em que estes sujeitos acabam ganhando espaço no mundo contemporâneo, acabam sendo as principais vítimas de conflitos contemporâneos. Como exemplo: as guerras, as doenças, misérias, etc.

Com isto, a infância do século XX, acaba no século seguinte (XXI), sendo completamente oposto, diferente. Uns dos fatores serão as características que acaba caracterizando-o cada época e espaços que as crianças estão enquadradas. É possível analisar através do filósofo Henri Bergson (2006), que o tempo possui uma “rede”, que tende como composição da fluência, da contextualização, da exatidão, da dimensão, da enumeração, entre outras composições. Assim, a partir deste teórico é possível analisar a infância tendo como o norteador, o tempo.

Assim, é a compreensão que cada século, meio em que se encontra, possui sua infância, possuindo suas características que a caracterizam. Ademais, estando no século XXI e pegar a infância do século XX, acabara encontrando outra estrutura, outra infância, outra perspectiva deste grupo.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir entre sentenças verdadeiras e falsas, os meios pelos quais cada um deles é sancionado... (Foucault, 1993, p. 12)

A educação se encontra na infância, em razão de ajudar a criança a vir a ser, diante disto, ela é uma possibilidade, uma potencialidade. Segundo Domingues (2017, p.392): “as crianças são o futuro, pois possuem potencialidade para isso, ademais esse momento irá chegar sem pularmos nenhuma e qualquer fase.”

Como citado no início deste material, a respeito da infância com uma óptica de projeto, de investimento. Essa análise acaba sendo atingível afirmar, pelo fator que a criança no nascer, os responsáveis acabam depositando determinadas expectativas e podemos citar Vasconcellos (2008), que atribuirá como infância/potência. Que contextualizará com “objeto dos projetos educativos e políticos. As transformações sociais, nessa perspectivas, estão guardadas nas mãos destes que serão adultos e construtores do amanhã.” (2008, p.97) Igualmente, que “a criança possa naturalmente

criar e inventar novas maneiras de experimentar e reinventar o mundo, o meio que ela se encontra. (Domingues, 2017, p.393).

Ao tratar a respeito da infância, acaba havendo algumas associações a este grupo. Como sujeitos dependentes, inocentes, entre outros fatores. Igualmente, o desafio que deve ser colocado e pensado entre os pesquisadores dos estudos da infância, é ver a infância como experiência infantil. Segundo Vasconcellos (2008, p.98):

Um desafio que se lança aos estudiosos da infância é pensar caminhos capazes de subtrair do termo infantil o caráter pejorativo e subestimado, que permitam ver a infância, não pelo que lhe falta, mas pelo que possui de inegavelmente seu; não pelo que será quando não for mais infância, mas pelo que é; onde a infância não seja uma questão cronológica, mas própria condição da experiência- uma experiência infantil. (Id)

Portanto, o devir-criança é permitir a uma relação que acaba formulando alternativas, caminhos. Tudo que é posto, apresentado a criança, é novo. Que a cada amanhecer acaba sendo levantadas determinadas problematizações.

Assim, o devires, é um local das variáveis, cujo dessas variáveis ao chegar a uma solução é possível encontrar grandes potências. Essa potência é resultado de suas construções e elaborações.

“Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos.” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 64).

Mesmo em um mundo contemporâneo, no qual o grupo da infância acaba sendo reconhecido como sujeitos de **direitos** e **deveres**, no qual, através da sociedade e da política acaba sendo contextualizada como projeto.

Acaba sendo descritas com algumas conceituações. Como de dependências, frágil, indefesa, inocente, entre outras contextualizações. Porém é necessário desconstruir estes conceitos.

De acordo com Deleuze; Guattari (1997) será possível encontrar caminhos, ‘bússola’ na infância. Caminhos estes que mostram à sociedade como queremos o futuro, possuindo como um referencial transformador.

Primeiro, pode-se caracterizar como algo no qual é possível fazer associação com o fato social, cujo irá haver etapas, onde essas etapas devem ser seguidas, não podendo pular/ultrapassar, respeitando o tempo. Assim, é possível caracterizar esta educação como utensílio de ordem.

Em outro caminho, é possível entender como inclusão. No qual, não será julgado o estudante, porém, compreender suas dificuldades. Fazendo-se assim, no início uma turma plural, heterogênea, chegando-o no final do ano letivo (como exemplo), singular e homogênea.

Tratar o devir-criança é referir sobre o tempo. A criança se encontra na fase da infância. Apesar disso, no futuro tornarás adulto. O adulto de hoje tende a ocultar a potencialidade existente na criança.

Ser criança não é simplesmente brincar. Ser criança é explorar a natureza, o corpo, os sentidos, construir significados e consigo os simbólicos, e tantas outras explorações e descobertas.

Ser criança é ter serenidade, coragem, ousadia de navegar/viajar em diferentes meios imaginário-literais, tendo como resultado descobertas e experiências abstratas vindo a ser concreto. A criança, a infância, é/são linhas que liga os dois pólos de um globo terrestre. Onde, o falar surge consigo, novas maneiras de se expressar, agir e falar.

O devir-criança é uma ação geográfica, podendo até se referir como uma bomba atômica, que afeta o ser próximo e a si mesmo, num mundo concreto e abstrato. Possuindo como tempo, o presente, o hoje.

Igualmente, não é possível fazer a separação do diálogo entre os dois caminhos que Deleuze; Guattari (1997) irá citar. Pois, fazendo a junção da primeira (que se refere de um modo geral a etapa, modelo cronológico) e a segunda (refere-se à inclusão), formaremos de certa ótica uma rede.

O papel do professor se define em estimular o conhecimento do aluno no que tange a sua capacidade reflexiva, ele tem que ter a capacidade de passar o conhecimento escolar e ao mesmo tempo respeitar as singularidades de seus alunos, entendendo que hodiernamente nossos alunos chegam às escolas com conhecimentos já adquiridos por seu ambiente.

Portanto, o professor deve ter uma segurança no que ira aplicar e ao mesmo tempo entender as formas que seus alunos utilizam para adquirir o conhecimento passado, e a partir dai surge a didática para Libâneo (1994), aliados ,professor e conhecimento,tornam essa absorção do conhecimento possível para o aluno. Assim, o docente deve possuir algumas características.

[...] inquietação, curiosidade e pesquisa. O conhecimento não está acabado; exploração de "seu" saber provindo da experiência através da pesquisa e reflexão sobre a mesma; domínio de área específica e percepção do lugar desse conhecimento específico num ambiente mais geral; superação da fragmentação do conhecimento em direção ao holismo, ao inter-relacionamento dos saberes, a interdisciplinaridade; identificação, exploração e respeito aos novos espaços de conhecimento (telemática); domínio, valorização e uso dos novos recursos de acesso ao conhecimento (informática); abertura para uma formação continuada. (MASSETTO, 1994, p. 96)

Tratar educação possuindo como referencial, Deleuze, é ter a ciência que o singular nunca será encontrado no currículo, na avaliação, em nada que ligue a educação em si. Pois falar em educação com base deleuziana, é ter noção que a educação e os seus ramos são plurais, onde a fala predominante é a inclusão.

Não se pode trabalhar, tendo como sujeitos potencializadores como únicos, em todos os aspectos. Apesar disso, o Uruguai e creio outras nações, acabam ensinando que é possível avaliar em cima das dificuldades apresentadas. Segundo o diretor “*é um sucesso essa metodologia.*”.

Não é justo avaliar no singular. Avaliando no singular acaba surgindo automaticamente às rotulações, que provocam danos sérios em várias áreas da vida do estudante. Afinal, o que é avaliar?

Avaliar é – cedo ou tarde – criar hierarquias de excelência, em função das quais se decidirão a progressão no curso seguido, a seleção no início do secundário, a orientação para diversos tipos de estudos, a certificação antes da entrada do mercado de trabalho e freqüentemente, a contratação. Avaliar também é privilegiar um modo de estar em aula e no mundo, valorizar formas e normas de excelência, definir um aluno modelo, aplicado e dócil para uns, imaginativo e autônomo para outros... (PERRENOUD, 1999, p.9)

A partir da citação acima, é atingível a percepção de uma metodologia avaliativa que gera rotulação, exclusão. Assim, foge de uma educação deleuziana, inclusiva, plural. Segundo Perrenoud (1999, p.12): “A avaliação tem a função, quando se dirige à família, de prevenir, no duplo sentido de impedir e de advertir.

Nessa colocação é nítida a percepção da restrição do sujeito potência, que é a criança. Pois, neste caso a criança é obrigada a adaptar-se a este modelo avaliativo. Não havendo (hipótese) a compreensão de certas dificuldades que cerca, tornando o tempo para o prosseguimento do conteúdo menor.

EDUCARE/EDUCERE

O Educare, essa metodologia pode ser considerada oprimente, totalitária. Ademais, acaba recebendo esses adjetivos pela linha que segue única. Existindo simplesmente um modo, um modelo único a ser seguido.

Fazendo um diálogo/ponte com a metodologia de ensino, tendo como norteador a visão deleuziana, é perceptível um modelo rotulador, que acaba não dialogando com o todo em si. Assim, não é possível entrar num debate com Deleuze a respeito da educação, nem da avaliação.

Podendo até trazer para acoplar este tópico, é a educação a partir da perspectiva de Durkheim. Pois será possível encontrar no meio educativo o fato social. Ação esta que liga o Estado como sujeito totalitário, que irá colocar o que é certo e deve ser seguido. Resumindo, algo estruturado.

O Educere, do latim ex (fora) + ducere (levar, conduzir), tendo como significação levar/conduzir para fora, e o oposto do educare. Pois como já tratado no início desse material, no

qual referimos à criança, como sujeito potência, essa metodologia acabara trabalhando essa potência.

Podendo afirmar que a finalidade da educação em si será contribuir/desenvolver o estudantes em si. Reconhecendo as suas qualidades e as suas dificuldades. Não rotular, mas, incluir.

Na metodologia Educere, é possível trazer um diálogo no quesito de educação com o teórico Deleuze. Pois é nítido o plural curricular avaliativo e educacional, entre tantas outras transversais e pontes.

Considerações finais

Currículo e Identidade (cultura) possuem uma ligação muito mais extensa que possamos imaginar. Não podemos criar um currículo cujo será aplicado à turma com uma perspectiva singular. Pois cada estudante acaba possuindo necessidades diferenciadas, no qual veio com entendimento de outro meio, que agora tende a se adaptar neste espaço social/cultural. (Stoer e Cortesão, 1999).

Assim, para existência de um bom currículo e assim uma boa construção do saber da classe, é necessária que o docente esteja sempre se atualizando tanto na área política, cultural e tentar compreender sobre o meio no qual os seus discentes se encontram.

Que tanto o Governo Estadual, quanto Federal e quem sabe participação das redes Privadas acerca de formações continuadas. Pois assim, o professor acabará possuindo uma variedade de recursos para serem utilizados na montagem do currículo e achará uma forma metodológica e uma didática adequada para a extensão de determinados assuntos.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BRASIL. Indagações sobre o Currículo do Ensino Fundamental. **Salto para o futuro**, ISSN 1518-3167, Boletim 17, setembro de 2007. Link de acesso: <<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/1426101400598.pdf#page=20>> acessado em 01 de janeiro de 2018, as 23h00.

BARRIGA, Á. D. Uma polêmica em relação os exame *in* **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos** /ESTEBAN, Maria Teresa (org.); 3ª edição, Rio de Janeiro, DP&A editora, 2001

BERGSON, H. A lembrança do presente e o falso reconhecimento. Trad. Jonas Gonçalves Coelho. **Trans/Form/Ação**. Marília, v.29, n.1, 2006, p. 95-121

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: economia, sociedade e cultura**; v.1. 11. ed. Trad.: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DOMINGUES, J. M.. Devir-criança e seu significado da educação na infância. In: **V Seminário Internacional de Pesquisa com o tema: dimensões da privatização na Educação Básica**, 2017, Ribeirão Preto. Grupo de Estudos e Pesquisa em Política Educacional, Ribeirão Preto: USP, 2017. v. I. p. 388-393.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1999.

LOPES, A. C; MACEDO, E. **TEORIAS DE CURRÍCULO**. São Paulo: Cortez, 2011.

MASETTO, M. T. **Pós-Graduação e formação de Professores para o 3º Grau**. São Paulo: 1994

MOREIRA, A. F. B.; CÂMARA, M. J. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. Cap. 2, p. 38-66.

QVORTRUP, J. Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social”. In: *Proposições*. Campinas, vol. 22, nº. 01, jan/abr., 2011.

_____. A infância enquanto categoria estrutural. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol. 36, nº. 02, maio/ago., 2010^a

_____. Childhood as a Social Phenomenon: na introduction to a series of national reports. In: **Eurosocial Report**. Vienna: European Centre, 36, 1990.

RAMOS, L. **NA MINHA PELE**. 1^a. ed. Rio de Janeiro: OBJETIVA, 2017.

STOER, S. e CORTESÃO, L. **Levantando a pedra: da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas numa época de transnacionalização**. Porto: Afrontamento, 1999.

VASCONCELLOS, T. Infância e Narrativa. In: VASCONCELLOS, T. (Org). **Reflexões sobre infância e cultura**. Niterói: EdUFF, 2008.